

Zurique: a Cidade Mais Rica

ROUL TUNLEY

GIEGEL



Zurique é um lugar onde as pessoas
se sentem em casa. Ela não sacrificou
ao progresso a sua tranquilidade

É POSSÍVEL que você nunca descubra as delícias de Zurique falando com um de seus habitantes. Ele lhe dirá: «Vá a Londres ou a Paris, se quiser se divertir. Não há nada de especial em Zurique.»

Não poderia estar mais enganado. Há algo *muito* especial em



Vista aérea de Zurique, com o Rio Limmat em primeiro plano; ao fundo, o Lago de Zurique e algumas montanhas dos Alpes

Zurique. A cidade não só apresenta uma impressionante beleza alpina, como ainda se diz que possui o mais alto padrão de vida da Europa — se não do mundo. Enquanto a explosão demográfica e os inúmeros arranha-céus empobrecem a qualidade da vida nas outras metrópoles, Zurique continua intata, quase um Éden, uma vívida memória do que as outras cidades já foram... e ainda poderiam ser: tranquilas e confortáveis.

O dinheiro, naturalmente, faz parte de uma boa vida, e Zurique está discretamente inundada por ele. A principal rua comercial da cidade, a Bahnhofstrasse, superou a 5.^a Avenida, em Nova York, como a mais valorizada do hemisfério ocidental. Em seus quarteirões mais seletos, o metro quadrado custa entre dez e doze mil dólares, contra os 8.700 dólares em Nova York. O edifício mais alto da Bahnhofstrasse tem seis andares. Nos 1.200 metros dessa via pública não há igrejas, palácios, teatros ou repartições públicas. Mas o conteúdo de suas lojas é tão estonteante que reis vão ali comprar relógios, princesas comprar sedas, xequês comprar esmeraldas e primeiros-ministros comprar chocolates.

As empresas mais importantes na Bahnhofstrasse, naturalmente, são os bancos. Atraindo, como um ímã, o dinheiro do mundo inteiro, eles ajudaram a fazer de Zurique um centro financeiro internacional, só superado por Nova York e Londres.

Seu impacto econômico é tão grande que, numa ocasião em que a libra esterlina caiu na Bolsa de Zurique, o adido econômico da Inglaterra, George Brown, chamou os corretores da cidade de «os gnomos de Zurique». E o nome pegou, gostem ou não os corretores.

Zurique tem um número impressionante de milionários. No começo de 1971, quando aí estive, depois de um ano de ausência, descobri que a cidade tinha ganho 274 novos milionários. Naquela época, a relação era de um em cada 177 cidadãos. Mas a riqueza de Zurique não se limita a uns poucos felizardos. Mesmo os não-milionários vivem bem. Um conhecido meu, que trabalha numa grande loja, é um caso típico. Tem mulher e dois filhos. Sua renda bruta corresponde à média da cidade: 10.350 dólares. De modo geral, os impostos variam de 9 a 16 por cento, para as famílias de renda média, em Zurique. O máximo que alguém pode pagar (mesmo um rico «gnomo») é 33 por cento. «É claro que, na prática, nem todos pagam tanto», disse um coletor de impostos.

Muitas das vantagens de Zurique (riqueza, estabilidade, pouca violência) são obra do homem. Uma delas, no entanto, não pode ser creditada aos cidadãos: a sua localização. Poucas grandes cidades na Terra são tão maravilhosamente bem localizadas. Aninhada numa espécie de anfiteatro, às margens de um grande lago, com dois rios constituindo vias

fluviais, a cidade apresenta um cenário indescritível de água, campos verdes, florestas negras e, à distância, os picos nevados das montanhas. Por qualquer lugar que se ande, a vista sempre descansa na serenidade do lago, com suas águas resplandecentes, velas brancas, barcos e gaivotas. Há alguns séculos, Benvenuto Cellini chamou o lago de «brilhante como uma jóia».

A natureza forneceu o cenário, e os habitantes de Zurique têm feito o possível para melhorá-lo. Em primeiro lugar, insistem em manter a população da cidade em dimensões humanas, um pouco acima dos 400 mil habitantes. Exceto por suas catedrais, a Grossmunster e a Fraumunster, e pela torre da igreja de São Pedro, a linha do horizonte é geralmente baixa. Efetivamente, Zurique tem resistido à tendência das outras cidades de permitir o crescimento de sua densidade construindo arranha-céus.

O Hotel Savoy, na Paradeplatz, o centro elegante da cidade, é um bom exemplo. O hotel precisava renovar suas instalações para continuar competindo. Em outras cidades, o velho edifício do século XIX já teria sido derrubado, e um arranha-céus erigido em seu lugar. Em Zurique, no entanto, seus proprietários sabem que o edifício faz parte do perfil histórico da cidade. Assim, apesar do custo extorsivo, só os interiores serão restaurados no ano que vem, ao passo que a

fachada exterior permanecerá intacta. Para manter os velhos valores e não se deixar devastar pelo progresso, a prefeitura de Zurique não se importa com as consideráveis despesas e aborrecimentos.

Ao contrário de outras grandes cidades européias, Zurique nunca teve uma tradição de reis ou nobres, cujos jardins e palácios pudessem ser convenientemente transformados em parques públicos. Conseqüentemente, os terrenos particulares tiveram de ser comprados e adaptados. Hoje, metade de Zurique consiste em parques, água, bosques ou campos abertos. Há vinte anos, para se construir mais parques nas proximidades do centro da cidade, a parte norte do lago foi aterrada e transformada num belo cinturão verde, com rochas, flores e árvores. Recentemente, mais ao fundo da cidade, um elegante passeio público foi construído, assente em colunas sobre o lago.

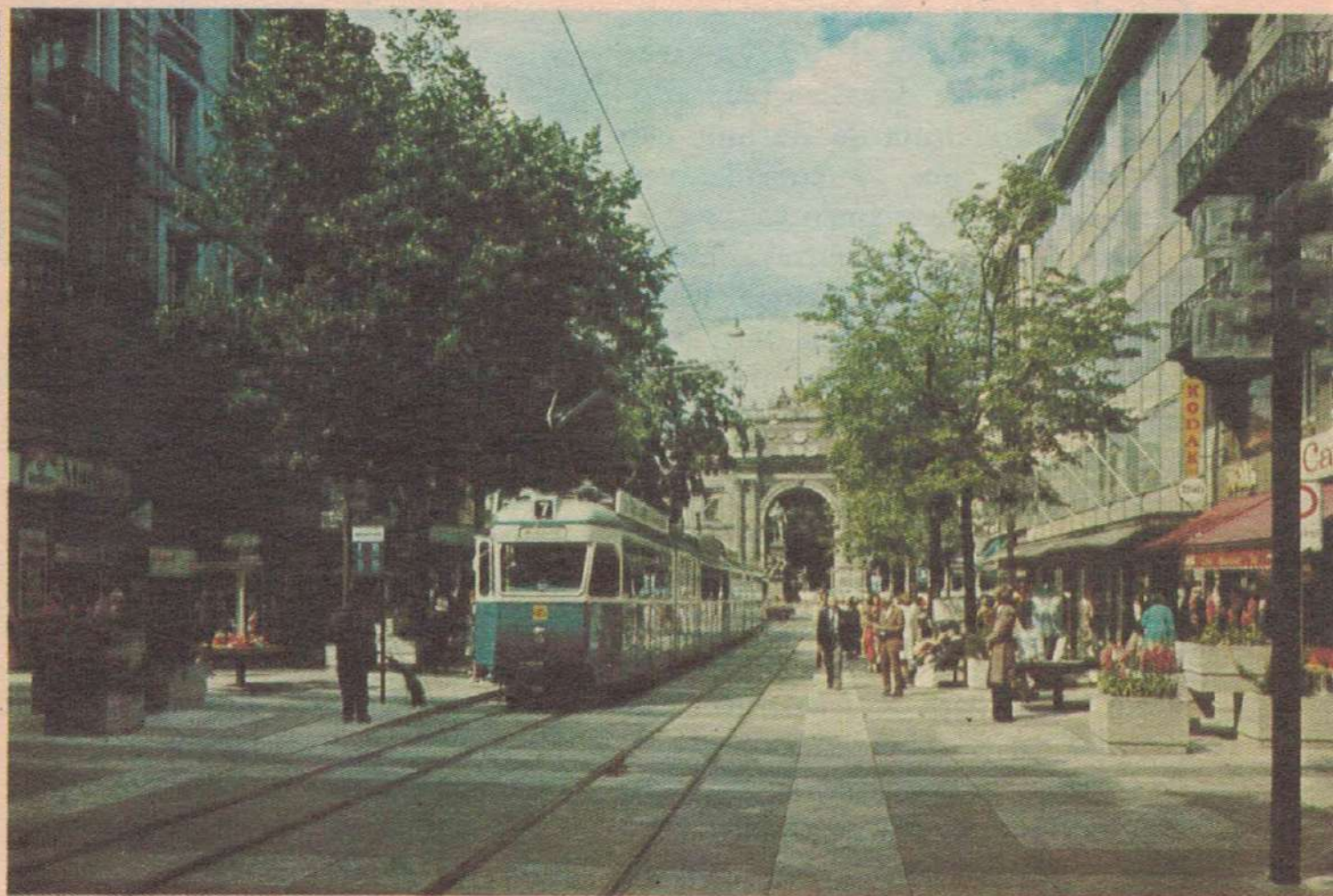
Além de excelentes praças de esportes (mais de 180 quadras de tênis, públicas e particulares, por exemplo), Zurique está construindo seu próprio campo de esqui, em Hoch Ibrig, a pequena distância. «Acreditamos que poderemos oferecer algo inédito, em matéria de esportes de inverno, aos nossos cidadãos e ao mundo», diz o prefeito de Zurique, Dr. Sigmund Widmer. «Nenhuma outra metrópole construiu sua própria estação de esqui. Aqui as pessoas terão todas as comodidades de uma

grande cidade, mas podendo subir às encostas em uma hora.»

Se Zurique tem grandes vantagens topográficas, não se pode esquecer as culturais. Com efeito, não conheço outra cidade, do seu tamanho, capaz de abrigar oito renomados teatros, assim como uma ópera e uma imensa sala de concertos. Além disso, Zurique está atulhada de galerias de arte e museus, e pode se gabar (o que nunca fará) de duas magníficas universidades, entre as quais o famoso Instituto Federal de Tecnologia. Essas instituições, que atraíram homens como Albert Einstein, Wilhelm Röntgen e Carl Jüng, tiveram nada menos que nove Prêmios Nobel no passado.

Os habitantes de Zurique, como todos os suíços, detestam o sensacionalismo, a ostentação, e até mesmo o excesso de brilhantismo. Contaram-me a história de uma das mais ricas mulheres alemãs, que tentou «contornar» a recente lei suíça que proíbe a compra de qualquer propriedade por estrangeiros não residentes. «Vocês não percebem», argumentava ela ao funcionário, «que eu poderia instalar aqui uma fonte de milhões de dólares para a cidade?» O homem pareceu não se impressionar. «Já temos milionários demais», suspirou. «O que precisamos não é de ricos; é de *Putzfrauen* (arrumadeiras)!»

Certa vez, conversando com um dos mais ricos advogados da cidade, perguntei-lhe se era verdade que em Zurique, apesar de



A Bahnhofstrasse, o centro comercial de Zurique

sua multidão de milionários, havia apenas cerca de trinta Rolls-Royces. «Sim», respondeu. E admitiu, rubro de modéstia, algo que eu já sabia: que ele tinha um. «Mas não tem importância», acrescentou prontamente, «porque ninguém sabe que eu o tenho. Mantenho-o na garagem.» Deve-se dizer que, em Zurique, se dá muita importância ao que podem pensar os vizinhos.

A história de Zurique é muito antiga. Há cinco mil anos, os primeiros colonos se estabeleceram ao redor do lago. Os incansáveis celtas se lhes seguiram, cerca de dois mil anos depois e, posterior-

mente, os romanos, no tempo de Cristo. Mais tarde, os alemânicos do norte expulsaram os romanos, e deram ao lugar o nome, língua e características étnicas que permanecem até hoje. No século XIV, o primeiro prefeito de Zurique, Rudolf Brun, estabeleceu a democracia na cidade, ao garantir às associações locais o direito de participar do governo. Alarmada por uma ameaça dos Habsburgos, Zurique, logo em seguida, se juntou à Confederação Helvética.

Um dos poucos governantes poderosos, bem aceitos em Zurique, foi Ulrich Zwingli, o pastor do século XVI, que transformou a

cidade num grande centro da Reforma Protestante. Sua ética (trabalho árduo, poupança, simplicidade, moderação, não-violência, respeito ao direito alheio) influenciou todos os suíços protestantes, de língua alemã. Como resultado, mais de cem anos após sua morte, os refugiados protestantes aportaram em Zurique, fugindo de perseguições na Itália, Inglaterra, Alemanha e França. E, o que é mais, trouxeram com eles suas habilidades, fundando a indústria têxtil, que ainda floresce por lá.

Hoje, as idéias de Zwingli parecem absorvidas até pelos recém-chegados. Com uma população que está longe de ser homogênea (dezoito por cento são trabalhadores estrangeiros e suas famílias) poderiam esperar-se disputas, choques e conflitos culturais. A cidade nunca teve nenhuma crise importante. E há mais de meio século não conhece uma greve sequer.

Numa cidade com tantas vantagens óbvias, quais serão as desvantagens?

Mais de um habitante me disse que a cidade era *chata*. Mas, será?

Pensei imediatamente num café chamado Odeon, que deve ser o menos cacete do mundo. Desde sua inauguração, em 1911, ele acolheu os criadores do dadaísmo, aquele excêntrico movimento artístico da Primeira Guerra, precursor de muitas das mais aloucadas escolas atuais. E Mata Hari, a famosa espiã, lá trabalhou como dançarina. Lenin planejou, em suas mesas,

a Revolução Comunista, e o mesmo fez Trotsky. Poucos anos depois, Mussolini idealizou lá o movimento fascista, entre uma e outra partida de bilhar.

No entanto, é justo admitir que todo o senso de equilíbrio, imposto por Zwingli, possa parecer cacete àqueles cuja natureza é mais impulsiva. Mesmo assim, para os espíritos sensíveis e corajosos, Zurique pode ser tudo, menos um lugar frustrante. James Joyce, o iconoclasta irlandês, escreveu lá grande parte de *Ulisses*; Richard Wagner aí compôs *Tristão e Isolda*; Goethe, Kafka, Rilke, Colette, Hauptmann, Maugham e Richard Strauss, para só citar alguns, estiveram em Zurique, para descansar, ou trabalhar. Thomas Mann, o escritor alemão que viveu nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra, mas que freqüentemente se instalava nos arredores de Zurique, disse: «Quando penso ou falo na Europa, é sempre a Suíça que me vem à mente. Mais precisamente, aquele lugar adorado — Zurique.»

Algumas queixas justificadas sobre Zurique, no entanto, poderiam se concentrar em seus problemas de tráfego e de moradia. A cidade começou tarde a construir estradas e, agora, os habitantes têm de sofrer com os piores engarrafamentos da Europa. Mais sério ainda é o problema da habitação. Embora sendo um país de recursos, os terrenos são escassos, e os suíços são dados a construções difíceis e demoradas.

A confusão criada pelas leis de urbanização é também um bom estorvo.

Apesar de seus defeitos, Zurique representa um forte argumento de que a vida numa cidade ainda pode ser agradável; de que a vida em comunidade não precisa gerar a violência, desde que uma tradição de justiça seja respeitada; de que a riqueza não precisa despertar a ambição, desde que não seja acompanhada pelo consumo conspícuo; de que o crescimento não precisa se tornar uma ratoeira para os seres humanos, se o homem ainda

for tomado como principal beneficiário de todas as obras que realizar.

Os habitantes de Zurique observaram bem o que as outras cidades chamam de «progresso» e, em muitos casos, optaram pela pequenez, enquanto os outros escolheram a grandeza. O prefeito Sigmund Widmer explica o objetivo de Zurique, provavelmente melhor do que ninguém, ao dizer: «As pessoas aqui se sentem em casa, não se sentem perdidas.»

Não consigo imaginar nada melhor para se dizer sobre uma cidade.



COMANDANDO uma patrulha móvel em Chipre, durante o estado de emergência em 1956, um segundo-tenente, cheio de entusiasmo, mas inexperiente, encontrou um grupo de cipriotas reunidos numa praça da cidade — o que era proibido segundo os regulamentos daquela situação de emergência. Ele ordenou rudemente aos seus homens para formarem em linha, montarem as baionetas e avançarem, o que fez com que o grupo se dispersasse imediatamente.

Satisfeito com o sucesso imediato da sua primeira entrada em «ação», o oficial subalterno dirigiu-se calmamente para responder a uma chamada no aparelho de rádio da patrulha.

«Fala o comandante da companhia», disse-lhe uma voz gelada. «Por que o senhor utilizou forças de segurança para desfazer uma fila de bilheteria do cinema?»

— J. C. R.



RESPLENDENTES nos uniformes de gala, nós, recrutas da Marinha Real Britânica, estávamos em formação para uma revista do ajudante de ordens do nosso comandante, que vinha montado a cavalo. Ele parou em frente a um recruta, e perguntou-lhe por que os metais da sua farda não estavam tão brilhantes como os de outros na formação.

«O seu cavalo, Excelência», respondeu ele nervosamente, «está bufando nos meus metais.»

— P. N.

66 Entre Aspas 99

UMA VEZ que Deus nos fez originais, porque nos rebaixamos a ser cópias?
— Citado por Billy Graham

SE A GENTE colocar asneiras num computador, dele só sairão asneiras. Mas essas asneiras, tendo passado por uma máquina caríssima, são de certa forma enobrecidas, e ninguém se atreve a criticá-las.

— Pierre Gallois, em *Science et Vie*

A INVEJA é a arte de contar os benefícios que os outros recebem, em vez de contar os nossos.
— H. C.

A FICÇÃO revela verdades que a realidade torna obscuras.

— Jessamyn West

PODEMOS, muitas vezes, suportar um quilo de sofrimentos com mais facilidade do que se nos tirarem um grama do prazer a que estamos acostumados.

— S. J. H.

QUANTAS vezes nos sentimos ofendidos quando não nos oferecem algo de que realmente não precisamos.

— Eric Hoffer

É o HOMEM comum quem mantém as rodas girando, mas não nos esqueçamos de que foi o homem fora-do-comum quem inventou a roda.

— D. F.

A MEIA-IDADE chega quando a gente começa a pensar quem terá colocado a areia na ampulheta do tempo.

— O. C. L.

O PENSAMENTO é o ensaio da ação.

— Sigmund Freud

UM PESSIMISTA vê só o lado escuro das nuvens, e se lamenta; o filósofo vê ambos os lados, e dá de ombros; o otimista não vê sequer as nuvens — ele está caminhando em cima delas.

— D. O

TABULETA em uma escrivadinha: «Lidere, siga, ou saia do caminho.»

— M. B.